

# Literatura e Paulo Freire: história, formação e superação

Maria Aparecida de Aguiar Demaria\*

## Resumo

O presente trabalho foi proposto como requisito de avaliação na disciplina *Pensamento Educacional Contemporâneo*, do curso de Mestrado em Educação no programa de Pós-Graduação da FAED/UEDESC. Seu objetivo é discutir a importância da Literatura Infantil na formação do “leitor do mundo” a partir das contribuições de Paulo Freire, Antônio Nóvoa e Antônio Cândido, que ressaltam a importância da literatura e da formação do professor. O estudo reitera a importância da Literatura Infantil também na formação do professor, bem como traz um breve histórico da vida de Paulo Freire utilizando, também, uma de suas obras: *Cartas à Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. Além disso, abordaremos a importância da formação inicial e contínua do professor. A hipótese do trabalho é que, além de conhecer o acervo distribuído às escolas e oferecer formação aos professores sobre literatura infantil, é de fundamental importância que o trabalho pedagógico possa abranger e contribuir com a formação do cidadão crítico, levando-o a refletir, dialogar e reconhecer-se nos dilemas cotidianos a fim de superá-los. E, também, que a formação dos professores deve ser contínua e, neste ponto, a aproximação das universidades com as escolas qualificaria o processo.

**Palavras-chave:** Literatura. Paulo Freire. Formação de professores.

## Introdução

O presente trabalho foi proposto como requisito de avaliação na disciplina *Pensamento Educacional Contemporâneo*, do curso de Mestrado/2020 do PPGE da FAED/UEDESC, na qual estudamos as contribuições dos clássicos para a educação.

Na referida disciplina estudamos vários autores, mas para o presente trabalho escolhemos autores que, de alguma forma, contribuíssem com nosso projeto de pesquisa. Desse modo, escolhemos abordar a importância da Literatura Infantil na formação do “leitor do mundo” com as contribuições de Paulo Freire, um dos autores estudados, juntamente com Antônio Nóvoa e Antônio Cândido, que também ressaltam a importância da literatura e da formação do professor.

---

\* Possui graduação em Pedagogia pela UFSC, especialista em Alfabetização e Letramento e mestranda do PPGE/UEDESC. Trabalha há 20 anos como supervisora escolar na Escola Básica Municipal Beatriz de Souza Brito, em Florianópolis/SC.  
E-mail: cida\_demaria@hotmail.com

O estudo trata da importância da Literatura Infantil na formação do professor e que ter acesso a livros de boa qualidade pode provocar diferentes leituras de mundo, trabalhar conceitos e preconceitos, além da possibilidade dialética de interagir com o cotidiano dos sujeitos. Mas, além do acesso a livros, é necessário conhecê-los e saber como explorá-los com as crianças, estimulando a curiosidade e auxiliando nas reflexões, discussões e descobertas.

## A literatura em foco

Primeiramente, analisaremos a importância da literatura na formação do ser humano, trazendo como referência Antônio Cândido, que nos apresenta a literatura como algo essencial e humanizador, considerando-a como um Direito Humano.

Segundo o autor, a literatura é um direito humano e, como tal, tem o pressuposto de que “[...] se é indispensável para nós, é também indispensável para o próximo” (CÂNDIDO, 2011). Assim, o autor considera literatura:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação (CÂNDIDO, 2011, p. 174).

Cândido (2011, p. 177) afirma que a literatura é fator de humanização, atuando no subconsciente e no inconsciente e que, por isso, “[...] tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo”. Ela desenvolve em nós a humanidade, tornando-nos mais compreensíveis, pois possibilita a reflexão, a aquisição do saber, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. Ainda, segundo esse autor, “[...] a literatura conforma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CÂNDIDO, 2011, p. 177).

Cândido apresenta três faces da literatura: uma como construção de objetos autônomos; outra como forma de expressão, manifestando emoções e visões do mundo; e a última como sendo uma forma de conhecimento. Segundo ele, a “[...] obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria

mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo” (CÂNDIDO, 2011, p. 179). E, por isso, acaba sendo um fator que desmascara as situações de restrição ou até de negação dos direitos humanos.

Cândido (2011) defende, ainda, que o problema da desigualdade social e econômica está, também, no problema da intercomunicação dos níveis culturais e o principal obstáculo pode ser a falta de oportunidades, não a incapacidade. Ele acredita

[...] no poder universal dos grandes clássicos, que ultrapassam a barreira da estratificação social e de certo modo podem redimir as distâncias impostas pela desigualdade econômica, pois tem a capacidade de interessar a todos e, portanto, devem ser levados ao maior número. [...] O *Fausto*, o *Dom Quixote*, Os *Lusíadas*, Machado de Assis podem ser fruídos em todos os níveis e seriam fatores inestimáveis de afinamento pessoal, se a nossa sociedade iníqua não segregasse as camadas, impedindo a difusão dos produtos culturais eruditos e confinando o povo a apenas uma parte da cultura, a chamada popular (CÂNDIDO, 2011, p. 192).

Não nos restam dúvidas que devemos ter acesso ao maior número de clássicos possíveis, de diferentes gêneros e tempos, abrindo o leque de possibilidades de interação dialógica, ampliando o universo cultural e possibilitando o reconhecimento de nossas realidades para podermos reagir e agir para a transformação social.

## Notas biográficas de Paulo Freire

Trazendo para discussão um pouco da história de Paulo Freire, conseguimos fazer a relação com algumas das ideias citadas por Cândido.

Paulo Freire viveu intensamente seu tempo e o ambiente histórico-político entre a Revolução de 30 e o Golpe Militar de 64. Nasceu em família de classe média, vivenciou uma crise familiar, chegando a passar fome, formou-se entre muitas dificuldades, trabalhou e lutou pela democratização da educação e pela formação do cidadão consciente de sua história. Foi um dos fundadores do Movimento de Cultura Popular do Recife (MCP). Mesmo assim, foi considerado perigoso, foi preso e exilado pelo Golpe Militar de 64, mas nunca deixou de acreditar na educação. Freire afirma que “[...] seria na verdade uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica” (FREIRE, 1984, p. 89).

Freire acreditava que “[...] o caminho é o da luta democrática pelo sonho possível de uma sociedade mais justa, mais humana, mais decente, mais bonita” (FREIRE, 2020).

Na Bolívia, Chile, Estados Unidos, Genebra (Suíça), países que o acolheram durante o exílio, conseguiu fazer muitas reflexões sobre sua prática e publicou vários livros e artigos. Algumas dessas obras se tornaram clássicos e deveriam ser leituras obrigatórias para todos os educadores como, por exemplo, a *Pedagogia do Oprimido* (1970), o mais conhecido. Dentre alguns outros títulos estão: *Cultura popular, educação popular* (1983); *Por uma pedagogia da pergunta* (1985); *Fazer escola conhecendo a vida* (1986); *Conversando com educadores* (1990); *Alfabetização - Leitura do mundo, leitura da palavra* (1990); *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido* (1992); *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (1993); *Pedagogia: diálogo e conflito* (1995); *Pedagogia da Autonomia* (1996) e *Pedagogia da Indignação* (2000).

Depois de 16 anos exilado retornou ao Brasil: “Dezesseis anos de ausência exigem uma aprendizagem e uma maior intimidade com o Brasil de hoje. Vim para reaprender o Brasil” (Paulo Freire, ainda no aeroporto, quando do seu retorno ao Brasil). Viveu momentos de grande conhecimento e produtividade nesse seu reaprendizado.

Logo após, assumiu o cargo de professor na USP e na UNICAMP. Vale realçar a sua atividade acadêmica, dando aulas, ministrando cursos especiais, fazendo conferências e orientando teses, demonstrando enorme vitalidade e produtividade. Manteve constante interesse por aprender e participar do mundo, de tudo, sempre com muita energia e paixão. Freire escreveu com os principais educadores da década de 1980, concebendo uma produção rica e essencial para a questão da educação popular, progressista, libertadora e transformadora.

Em 1981 integrou o Partido dos Trabalhadores (PT), sendo Presidente da 1ª Diretoria Executiva. A partir de 1987 tornou-se um dos membros do Júri Internacional da UNESCO que, a cada ano, se reúne no verão de Paris para escolher os melhores projetos e experiências de alfabetização dos cinco continentes, cujos prêmios são entregues em cada 08 de setembro, Dia Internacional da Alfabetização.

Paulo Freire assumiu também o cargo de Secretário de Educação da cidade de São Paulo, em janeiro de 1989, na gestão da então prefeita Luiza Erundina (PT). Como Secretário de Educação atuou de maneira integral, reformando escolas, estruturando os colegiados, reformulando o currículo escolar, capacitando os professores e formando o pessoal administrativo e técnico. Ele mesmo disse que as mudanças estruturais mais importantes introduzidas na escola incidiram sobre a autonomia da escola, restabelecendo os conselhos escolares e os grêmios estudantis.

No dia 22 de maio de 1991 Freire se afastou do cargo de Secretário, mas continuou ativo como membro de seu Colegiado até fins de 1992. Como disse a então prefeita Luiza

Erundina, Paulo Freire estava sendo “devolvido ao mundo”. Passou a se dedicar novamente a escrever artigos e livros, alguns em colaboração com outros educadores (livros falados, como os chamava), voltou à docência na PUC/SP – no Programa de Supervisão e Currículo, do curso de pós-graduação.

No segundo semestre letivo de 1991, Paulo foi professor convidado da USP para desenvolver um trabalho amplo, proferindo palestras nas faculdades, gravando vídeos e discutindo projetos novos e pioneiros dessa Universidade.

Em 1991, o Instituto Paulo Freire foi criado em São Paulo para ampliar e elaborar as suas teorias da educação popular. O instituto já tem projetos em muitos países e está sediado na Escola de Educação e Estudos de Informação, da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), onde arquivos de Freire são mantidos.

Paulo Freire recebeu várias premiações, dentre elas o Prêmio Educação para a Paz, da UNESCO, em Paris, 1986. A segunda premiação, com a Medalha Comenius, ocorreu no dia 5 de outubro de 1994, Dia Internacional do Professor, no Centro Internacional de Convenções de Genebra; em 09 de novembro de 1994 recebeu, em Washington/DC, o Prêmio instituído pelo *International Consortium for Experimental Learning* que leva o seu próprio nome. O prêmio contempla, a cada ano, um renomado educador homenageando-o permanentemente por suas contribuições para a teoria e a prática do ato de aprender-ensinar.

Freire morreu de um ataque cardíaco em 2 de maio de 1997, às 6h53, no Hospital Albert Einstein, em São Paulo. Entre publicações em vida, publicações póstumas, cartas, entrevistas, ensaios e artigos, somam-se em sua obra quase 40 livros publicados.

## O Freire de Cartas à Cristina

A partir de agora apresentaremos a história de Freire subsidiada por uma de suas belas obras: “Cartas à Cristina”, publicado em 1994, que traz relatos das diferentes fases e vivências de sua trajetória. Buscaremos dar ênfase a sua formação e contribuição para a formação dos futuros educadores e das literaturas que o influenciaram.

Paulo Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, em Recife, Pernambuco, em uma família de classe média. Por esse motivo, teve a oportunidade do acesso à cultura: música, livros, jornais e revistas. Seu pai era o Capitão Temístocles, o que lhe referenciava certo status, mas que na crise de 1929, segundo o próprio autor, sofreu grande impacto, trazendo muitas dificuldades financeiras e, com elas, a fome. Mesmo com dificuldades seus pais não abriram mão de alguns objetos, como relata na segunda carta:

[...] o piano e a gravata eram, no fundo, símbolos que nos ajudavam a nos manter na classe social a que pertencíamos. Implicavam um certo estilo de vida, uma certa forma de ser, uma certa linguagem, um certo modo até de andar, de, inclinando moderadamente o corpo, ao cumprimentar alguém, tirar o chapéu como via meu pai fazer. E tudo isso, expressões de classe. Tudo isso sendo defendido pela família como condição indispensável a sua sobrevivência (FREIRE, 2020, p. 51).

Aos 11 anos Paulo Freire já tinha consciência das dificuldades financeiras da família, mas não conseguiria ajudar com qualquer trabalho, pois seu pai não permitiria que ele trabalhasse na feira ou fosse serviçal de alguma casa por causa do status. Relata, na terceira carta, que aprendeu a ler com os pais, escrevendo palavras, ligadas ao seu contexto, no chão, com gravetos. Quando chegou à escola já sabia ler e escrever e gostava muito do exercício de “formar sentenças” com as palavras que já sabia escrever. Em seguida, discutia-se o significado delas, aprendendo, assim, os verbos e tempos.

O autor deixa claro a importância da liberdade de expressão, além do respeito vivenciado dentro de sua casa com seus pais. Com eles aprendeu suas primeiras lições sobre democracia:

Ele nos ensinava democracia não apenas através do testemunho que nos dava – o do respeito a nós, a nossos direitos, o da forma como estabelecia limites necessários a nossa liberdade tanto a sua autoridade – mas também pela crítica sensata e justa que fazia aos desmandos dos poderosos (FREIRE, 2020, p. 84).

Cursando o ensino médio conheceu um professor, Pessoa, que lhe colocou à disposição seus livros para ler. Nesse período sua mãe conseguiu uma vaga de trabalho em uma escola particular, onde começou sua carreira de professora de língua portuguesa, sendo essas aulas sua forma de sustento e pagamento de seus estudos. Também conheceu o professor Moacir de Albuquerque, um apaixonado pela literatura, que lhe aguçou o gosto estético e a “boniteza” da linguagem. Esses professores e amigos influenciaram, juntamente com a literatura, em sua atividade de professor:

[...] recordo também como, sob a influência de Pessoa da Silva, mas sobretudo de Moacir de Albuquerque, ler Machado de Assis, Eça de Queiroz, Lins do Rego, Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, Manuel Bandeira, Drummond terminou por me ensinar que não pode haver antagonismo entre “escrever certo” e escrever gostoso; que escrever gostoso é que é, em última análise, escrever certo (FREIRE, 2020, p. 112).

Freire relata, em sua décima carta à sobrinha Cristina, que casou, pela primeira vez, aos 20 anos, e passou a se dedicar ainda mais aos estudos gramaticais que o desafiavam e, ao mesmo tempo, aprendia mais e se capacitava para “[...] fazer eficaz a minha prática docente” (FREIRE, 2020, p. 134). Além das visitas a livrarias, encontrava-se com alguns intelectuais que também gostavam de ler:

No itinerário de algumas de minhas tardes do Recife, eu tinha como pontos obrigatórios de parada duas ou mais livrarias, que satisfaziam o gosto de leitura e o deleite da convivência com livros de um bom número de intelectuais do Recife daquela época, e de *sebos* que nos ofereciam preciosidades fora de impressão (FREIRE, 2020, p. 135).

Ele escreve que ao visitar algumas escolas do Recife, particulares e públicas, lembrou e reviveu seu início de vida escolar, vendo um aluno magro, pálido, dormindo sobre a carteira. Um período difícil, pois, muitas vezes, não tinha forças para segurar um lápis, a vontade de comer algo era maior que a vontade de aprender. Sobre isso, reflete:

Estou convencido de que as dificuldades referidas diminuiriam se a escola levasse em consideração a cultura dos oprimidos, sua linguagem, sua forma eficiente de fazer contas, seu saber fragmentário do mundo de onde afinal transitariam até o saber mais sistematizado, que cabe à escola trabalhar (FREIRE, 2020, p. 44).

E, continua, na décima primeira carta:

A aprendizagem dos educandos tem que ver com as dificuldades que eles enfrentam em casa, com as possibilidades de que dispõem para comer, para vestir, para dormir, para brincar, com as facilidades ou com os obstáculos à experiência intelectual. Tem que ver com sua saúde, com seu equilíbrio emocional (FREIRE, 2020, p. 153).

Em 1947 iniciou seu trabalho no SESI, local de reencontro com a classe trabalhadora. O primeiro encontro deu-se na infância e adolescência, quando iniciou seu projeto de democratização da educação. Ele não tinha dúvida de sua posição política e que precisava começar de algum lugar. Segundo o autor, “[...] a leitura de pensadores revolucionários, sobretudo quando não dogmáticos, me ajudava, oferecendo-me bases científicas com que reforçava minha opção política e minha posição ética” (FREIRE, 2020, p. 147).

Os autores citados no presente estudo deixam evidente a importância de se ter acesso amplo e de variedades literárias, pois todas elas apresentam potencial para aprendizagem, bem como a ampliação do universo letrado.

## A Literatura nas escolas

Fazendo relação com a realidade das escolas atuais e das políticas públicas, podemos perceber alguns avanços no âmbito de acesso à cultura letrada. Nas últimas décadas, o Governo Federal criou um programa de distribuição de livros de literatura para as escolas, o PNBE:

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), desenvolvido desde 1997, tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. A apropriação e o domínio do código escrito contribuem significativamente para o desenvolvimento de competências e habilidades importantes para que os educandos e educadores possam transitar com autonomia pela cultura letrada (BRASIL, 2008).

Os livros de literatura disponibilizados pelo Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE) podem auxiliar os professores na indicação das literaturas para diferentes faixas etárias, que poderão ser trabalhados em sala de aula. O objetivo é que as crianças tenham acesso a saberes que possibilitem a transformação social, de forma comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, além de estimular a formação de valores que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias.

Para que esse processo realmente tenha sucesso é necessário investimento na formação dos professores. Nesse sentido,

O trabalho escolar tem duas grandes finalidades: por um lado, a transmissão e apropriação dos conhecimentos e da cultura; por outro lado, a compreensão da arte do encontro, da comunicação e da vida em conjunto. É isto que a Escola sabe fazer, é isto que a Escola faz melhor. É nisto que ela deve concentrar as suas prioridades, sabendo que nada nos torna mais livres do que dominar a ciência e a cultura, sabendo que não há diálogo nem compreensão do outro sem o treino da leitura, da escrita, da comunicação, sabendo que a cidadania se conquista, desde logo, na aquisição dos instrumentos de conhecimento e de cultura que nos permitam exercê-la (NÓVOA, 2009, p. 62-63).



Portanto, a mediação pelo professor e de outros profissionais da escola para as práticas de leitura contribuem de forma significativa para o processo de letramento que a criança está iniciando ao entrar na escola de Ensino Fundamental. A aprendizagem dos educandos

[...] tem que ver com a docência dos professores e professoras, com sua seriedade, com sua competência científica, com sua amorosidade, com seu humor, com sua clareza política, com sua coerência, assim como todas essas qualidades têm que ver com a maneira mais ou menos justa ou decente com que são respeitados ou não (FREIRE, 2020, p. 154).

E o trabalho pedagógico em torno da literatura deve começar desde o início da vida escolar, contribuindo com a alfabetização e letramento, ampliando desde seu vocabulário até as leituras de mundo. Segundo Freire:

Se nossas escolas, desde a mais tenra idade de seus alunos se entregassem ao trabalho de estimular neles o gosto da leitura e o da escrita, gosto que continuasse a ser estimulado durante todo o tempo de sua escolaridade, haveria possivelmente um número bastante menor de pós-graduandos falando de sua insegurança ou de sua incapacidade de escrever (FREIRE, 1997, p. 25).

E para que a literatura possa contribuir, juntamente com a mediação do professor, este precisa ter, em sua formação, conhecimento sobre a literatura e as possibilidades de estratégias para interpretação e reflexão junto às crianças. A formação dos professores deve ser permanente e contínua para estar atualizada e fazer troca de experiências com seus pares. De acordo com Nóvoa (2002, p. 38):

A formação contínua deve contribuir para a mudança educacional e para a redefinição da profissão docente. Neste sentido, o espaço pertinente da formação contínua já não é o professor isolado, mas sim o professor inserido num corpo profissional e numa organização escolar.

A formação dos professores precisa se aproximar da realidade das escolas, pois “[...] o que se quer é diminuir a distância entre a universidade ou o que se faz nela e as classes populares, mas sem a perda da seriedade e do rigor. Sem negligenciar diante do dever de ensinar e de pesquisar” (FREIRE, 2020, p. 220). Nóvoa (2019, p. 14) também acredita na proximidade entre universidades e escolas quando afirma que

Ninguém se torna professor sem a colaboração dos colegas mais experientes. Começa nas universidades, continua nas escolas. Ninguém pode ser professor, hoje, sem o reforço das dimensões coletivas da profissão. O futuro escreve-se na coragem da ação. Pensar a coisa certa é agir.

É possível perceber a enorme expansão da literatura infantil nos últimos anos; além disso, tivemos a implementação de leis que regulamentam a obrigatoriedade da diversidade textual, abrangendo gênero, etnias, avanços tecnológicos e também a ampliação do ensino para 9 anos, trazendo para a Educação Fundamental as crianças a partir dos 6 anos. Toda essa expansão precisa ser acompanhada pelas universidades e discutida com as escolas para refletir na formação do professorado.

Nesse sentido, Nóvoa (2019) afirma que estamos em um processo de “metamorfose da escola” e que isso deve refletir na formação dos professores, em um processo que deve aproximar escolas da rede com as universidades. Ele apresenta um “triângulo da Formação”, em que é indispensável a interação entre professores, universidades e escolas.

Paulo Freire acreditava e deixou registrado, tanto em sua trajetória de vida quanto nas suas obras, no presente estudo, especificamente *Cartas à Cristina*, a importância do acesso amplo à literatura. Deixa claro a diversidade de leituras realizadas que lhe ofereceram subsídios para construir seus pensamentos e ações e que também influenciaram em sua prática pedagógica.

## Considerações finais

Considerando os escritos de Cândido e Paulo Freire sobre a importância do acesso à literatura e a variedade literária desde a mais tenra idade, podemos constatar o quanto a literatura pode contribuir com a formação do cidadão crítico, conseguindo refletir, dialogar, reconhecer-se nos dilemas cotidianos e, até mesmo, superá-los. Portanto, é fundamental conhecer o acervo literário das escolas e orientar as indicações de literatura para as crianças.

Considerando os pensamentos de Paulo Freire e Antônio Nóvoa, a formação dos professores deve ser constante, logo, oferecer formação aos professores sobre literatura infantil, seja inicial ou continuada, é de fundamental importância para que o trabalho pedagógico com a literatura possa ser explorado nas diferentes áreas do conhecimento. Nesse sentido, a mediação do professor, desde o início do Ensino Fundamental, é essencial, sempre investigando, conhecendo a realidade das crianças, incentivando a curiosidade e o gosto pela leitura.

Além disso, a formação dos professores deve ser contínua e a aproximação das universidades com as escolas, e vice-versa, qualificaria esse processo, pois a universidade precisa da prática das escolas e as escolas precisam da teoria e da pesquisa científica. Essa troca de experiência qualifica a formação docente e o trabalho pedagógico que, muitas vezes, é tão solitário.

## Referências

- BRASIL. **Programa Nacional de Biblioteca da Escola (PNBE):** leitura e biblioteca nas escolas públicas brasileiras. Brasília: Ministério da Educação, 2008.
- CÂNDIDO, A. **O direito à Literatura.** Vários escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- FREIRE, P. **Professora sim, tia não.** São Paulo: Olho d'Água, 1997.
- FREIRE, P. **Cartas a Cristina:** Reflexões sobre minha vida e minha práxis. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- INSTITUTO PAULO FREIRE. **Projeto Memória Biografia.** Disponível em:  
<<http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/biografia/index.jsp>>. Acesso em: 02 nov. 2020.
- NÓVOA, A. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa: EDUCA, 2002.
- NÓVOA, A. **Professores:** imagens do futuro. Lisboa: EDUCA, 2009.
- NÓVOA, A. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação & Realidade**, [S.l.], v. 44, n. 3, p. 1-15, 2019.